

**A JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA E OS GRUPOS  
REVOLUCIONÁRIOS EM VOLTA REDONDA (1962 -1971)**

Márcio Goulart COUTINHO  
UFRRJ  
marciogoulartcoutinho@gmail.com

**RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo compreender as relações entre Juventude Operária Católica (JOC) e as Organizações Revolucionárias de Esquerda em Volta Redonda e suas formas de luta e resistência ao Estado brasileiro entre os anos de 1962 a 1971. Buscando através da experiência e memória de ex-militantes compreender sua trajetória no município e a experiência de cárcere dos principais líderes do grupo.

A JOC em Volta Redonda foi criada em 1962 e teve uma atuação importante na luta pelos direitos dos jovens trabalhadores, fato que fez com que fosse perseguida e silenciada após o Golpe de 1964. No entanto, com a chegada do Bispo D. Waldyr Calheiros no ano de 1966, ocorreu um renascimento do grupo, que se fortaleceu e passou a se posicionar contra o Regime Civil-Militar. O que fez com grupos revolucionários de esquerdas (POLOP, VAR-PALMARES, PC do B) se aproximassem e iniciassem uma ação conjunta de crítica aos militares. Entretanto, essas ações eram contrárias à política do Estado brasileiro, que os consideravam como subversivos. Fato que levou a uma grande repressão, acarretando na prisão e torturas de vários militantes desses dois grupos, desarticulando a experiência jocista na cidade.

Palavras Chaves: JOC; Grupos de esquerda; Volta Redonda.

**INTRODUÇÃO**

Esse artigo tem como objetivo resgatar a experiência e a memória da Juventude Operária Católica (JOC) e das Organizações Revolucionárias de Esquerda em Volta Redonda entre os anos de 1962 a 1971. A JOC foi criada no município no ano de 1962 com o objetivo de discutir os problemas relacionados ao mundo do trabalho e levar a religião católica aos jovens trabalhadores. Os militantes da JOC utilizavam do método Ver, Julgar e Agir para discutir seus problemas através da luz do evangelho. Também tinham uma preocupação com as questões sindicais, buscando realizar um trabalho de conscientização com a classe trabalhadora de Volta Redonda.

O alto grau de conscientização política de seus militantes, fez com que movimento fosse perseguido pelos militares após o Golpe de 1964, levando a um enfraquecimento do grupo, que somente voltou a ser organizado a partir de 1966 com a chegada do Bispo D. Waldyr Calheiros na cidade. O novo clérigo, inspirado nas ideias do Vaticano II, incentivou o envolvimento do grupo com questões políticas e sociais no município, o que levou a um embate direto com os militares na cidade.

A partir do ano de 1967, acompanhando a conjuntura da JOC Nacional que deixa de dar prioridade aos problemas morais da juventude (família, casamento, relacionamento com os pais, etc.), e passa a se preocupar com os problemas sociais (salários baixos, longas jornadas, desemprego etc.). A JOC em Volta Redonda também passa a se interessar por esses problemas, buscando conscientizar os jovens trabalhadores de sua importância na luta por melhores condições de vida, passando a incorporar em suas discussões as questões sindicais, realizando um trabalho de conscientização entre os trabalhadores com o objetivo de retomar o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR), que estava sob o controle dos militares.

Essa mudança na postura da JOC, juntamente com a forte repressão imposta pelo Ato Institucional nº5 (AI-5) permitiu a aproximação de grupos revolucionários de esquerda (POLOP, VAR-Palmares, PCBR) que adotaram uma forma de luta mais radical na luta contra o regime autoritário. A aproximação com esses grupos levou a uma forte repressão, levando à prisão de vários militantes, que foram submetidos a torturas físicas e psicológicas, levando à desarticulação do grupo em Volta Redonda.

## **O CONTEXTO DA JOC BRASILEIRA**

A Juventude Operária Católica foi um movimento católico criado com o intuito de aproximar a Igreja de uma parcela da população cada vez mais distante da religião católica, a classe operária. Grupo que se afastava da Igreja e das práticas religiosas, e que em muitas das vezes se aproximava de outras ideologias, como o ateísmo, marxismo,

comunismo, buscando respostas para seus problemas, e em alguns casos transformavam-se em inimigos do catolicismo.

Segundo Valmir Francisco Muraro (1985), a JOC vai ter um papel importante, que consistia em conseguir dos governantes a instalação de dispositivos reguladores de relações socioeconômicas que pudessem diminuir os problemas da classe trabalhadora. Além disso, esse movimento aproximou a Igreja dos trabalhadores, ajudando-a compreender melhor as necessidades, os valores dessa classe e desenvolver práticas pastorais que atendam aos operários. (p.14)

A JOC surgiu na Bélgica no ano de 1925, criada por Joseph Cardijn, nascido em uma família operária, ainda jovem se interessou pela vida eclesiástica. Criado em uma cidade industrializada, conheceu de perto a situação dos trabalhadores, baixos salários, jornada longa de serviço, trabalho em áreas insalubres. No entanto, ainda adolescente, um fato lhe chamou a atenção: muitos de seus colegas, ao iniciarem a vida como trabalhador se afastavam da Igreja e alguns perdiam a fé. Cardijn percebeu que a Igreja Católica estava perdendo sua influência entre os jovens trabalhadores que passaram a ver o clero como aliado das elites dominantes. E por isso resolveu dedicar sua vida a causa da juventude trabalhadora.

Cardijn organizou um movimento religioso que tinha como objetivo reconquistar os jovens trabalhadores para a Igreja, mas ao mesmo tempo, tinha em mente que a juventude deveria ter maior autonomia nesse processo, não se tornando simples objetos de conscientização, mas deveriam ser os responsáveis por essa transformação. Ou seja, toda ação deveria ser organizada e realizada pelos jovens operários e a Igreja daria apenas o apoio organizativo.

No Brasil a JOC vai surgir diante da necessidade de recristianização da sociedade, inspirada no discurso de harmonia de classe e com o objetivo de atrair a classe trabalhadora. O movimento consistia na valorização do trabalhador, no aumento de sua autoestima e na busca de um discurso que identificasse com a classe operária.

De acordo com MURARO (1983), em sua trajetória, a JOC brasileira pode ser dividida em três momentos: 1948-1958: Fase de divulgação e recrutamento; 1959-1964: fase de “esperança”; 1964 a 1970: Fase de ruptura com o Estado e desarticulação. (p.47)

No primeiro momento, o jocismo, representava a “salvação da classe trabalhadora”. Para os jocista da época, a JOC seria a esperança de reconstruir a sociedade brasileira e eliminar seus principais problemas: miséria e fome. Foi um período de mobilização nacional com o objetivo de aumentar o número de militantes.

No segundo momento, o movimento jocista vai se afastar dos núcleos paroquiais e aproximar-se do meio urbano (fábricas, bairros, sindicatos, etc.), buscando sempre atingir a juventude abandonada. A JOC passa a se preocupar com os problemas dos trabalhadores (educação, juventude, Igreja, salários, sindicalismo, etc.), assumindo uma postura contra as injustiças sociais, acreditando que as reformas do presidente Goulart poderiam evitar conflitos e revoltas dos trabalhadores.

Já o terceiro momento é marcado pela forte radicalização do movimento ocorrido após o golpe de 1964, que significou o fim da esperança de uma reforma lenta e gradual que viria do Estado, além da forte perseguição e o silenciamento dos jocistas, que passaram a ser vistos como subversivos ou comunistas. (MURARO, 1985, p. 60)

E a partir de 1968, após o Congresso Nacional da JOC, ocorreu a radicalização definitiva do movimento, que passou a condenar o capitalismo e defender uma sociedade sem classes. Fato que levou ao início de uma repressão violenta contra a JOC, causando sua desarticulação em nível nacional durante o ano de 1970.

## **A TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA DA JOC E DAS ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS EM VOLTA REDONDA.**

Enquanto os demais grupos jovens católicos enfatizavam os problemas de comportamento moral da juventude e cultivavam o convívio religioso em reuniões e encontros eucarísticos jovens, missas mais próximas da cultura jovem e práticas filantrópicas; os grupos da JOC tinham uma linha evangelizadora de viés classista e politizador, ou seja, mais voltado para os problemas da realidade social. De tal maneira, que a experiência religiosa jocista foi muitas vezes acusada de marxista pelas forças repressoras da Ditadura. (Comissão Municipal da Verdade D. Waldyr Calheiros, 2015, p. 262-263)

Em Volta Redonda, a Juventude Operária Católica teve sua criação do ano de 1962. Em um período muito conturbado no cenário nacional, marcado pela intensificação dos movimentos sindicais que buscavam modos de impedir a erosão salarial, utilizando-se de greves que se estendia por vários setores da economia para conseguir tal objetivo.

Neste contexto de lutas sindicais, Volta Redonda por ser uma cidade operária, berço da industrialização do país, onde se localiza a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), vai se destacar por ter um sindicato com auto grau de organização, fato de segundo Edgar Bedê (2010) é comprovado pela grande mobilização sindical que desde o final da década de 40 se mobilizava e denunciava a exploração dos trabalhadores da CSN. (p.72-84)

A JOC de Volta Redonda vai surgir neste contexto de efervescência do sindicalismo na cidade e de lutas contra a exploração do capital, buscando sempre melhorias nas condições de vida dos trabalhadores, além de buscar levar a religião católica aos operários, conforme afirma Edir Alves de Souza:

.... quando foi criada a JOC aqui em Volta Redonda... por exemplo... ela foi criada justamente pra levar o Cristo Vivo aos trabalhadores... nós tínhamos essa racionalidade... o jovem naquela época era muito explorado... não tinha carteira assinada... não tinha nada... Então nós tínhamos certa preocupação em orientar os jovens e naquela época o jovem era muito explorado... (Edir Alves de Souza, CVVR, p. 260)

Segundo José Ventura (ex- dirigente da JOC) a filosofia da JOC consistia na libertação da juventude trabalhadora contra qualquer tipo de exploração, atuando de uma forma que contrariava muitos padres da época, os jocistas buscavam conciliar a fé com o mundo do trabalho, utilizando do método Ver, Julgar e Agir<sup>1</sup> para lutar por seus direitos e melhorias nas condições de trabalho dentro da usina. Como ele próprio afirma em seu depoimento a Comissão da Verdade de Volta Redonda (CVVR):

---

<sup>1</sup> O Método VER, JULGAR e AGIR, foi criado por Josep Cardijn e reconhecido pelo Papa João XXIII em sua encíclica Mater et Magistra publicada no dia 15 de maio de 1961. O método que foi adotado por toda a Igreja, consistia em VER o problema para JULGAR a situação presente, os problemas, as contradições, as demandas... AGIR com vistas à conquista do seu destino temporal e eterno.

... a JOC ela... ela passou a orientar o meu trabalho mais no mundo da da... ação sindical e na fábrica né... quer dizer eu aprendendo o... com o ensinamento da JOC... os métodos ver julgar e agir a gente desenvolvia um trabalho dentro da fábrica... contra todos aqueles métodos de... de trabalho que gente não concordava então a gente... a gente lá na coqueria conseguiu formar um grupo... que... a gente mudava muitas coisas... lá dentro... enfrentando... primeiro o encarregado que era... praticamente um capataz né... naquela época... engenheiro de divisão e até... até engenheiro...<sup>2</sup>

Segundo relatos de militantes da época, a JOC no município foi criada pelo Padre Conrado, um padre belga que orientou e ensinou todos os passos para organização do movimento. Inicialmente existiam núcleos da JOC no Bairro Retiro, Vila Brasília, Niterói e Pinto da Serra, de acordo Antônio Liberato, (ex-militante)<sup>3</sup>, o grupo jocista do Retiro chegou a ter um número de 45 a 50 jovens. Com reuniões semanais após a missa, na Igreja de São Sebastião, no bairro Retiro. Estas reuniões tinham o objetivo de discutir os problemas que os jovens passavam dentro da empresa, baseando-se no método da JOC os militantes traçavam metas e modos de atuação sobre aquele problema, sempre inspirados na luz do evangelho.

Em Volta Redonda, também existiam a Juventude Operária Católica Feminina (JOCf), criada posteriormente a JOCm, a JOCf era composta em sua maioria por empregadas domésticas<sup>4</sup>. De acordo com Arli Matildes Amorim, em suas reuniões discutiam a situação de trabalho das domésticas que eram muito exploradas e passavam por diversos tipos de humilhação, conforme é relatado em entrevista:

Eu fiz um trabalho com as domésticas, as domésticas sofriam muito, eram tratadas igual a... Nem empregada não eram, pagavam o tanto que eles queriam e tudo isso. Eles traziam meninas do interior... pra...fica qui servindo os donos da casa. Eu vendo aquilo, eu tinha muita revolta. Eu fiz um trabalho com elas, mas era muito difícil eles (patrões) falavam até em bater nelas, algumas até apanhavam. Doméstica apanhava.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Edir Alves de Souza, em entrevista concedida ao autor.)

<sup>3</sup> Antônio Liberato em entrevista a CVVR.

<sup>4</sup> Apesar do grupo, não se enquadrar no grupo de operários, trabalhadores da usina, o movimento jocista embora tenha o nome “juventude operária”, entendia como operários todos os trabalhadores, independente da área que atuava. Desta forma o termo “trabalhador”, “trabalhadora” pode ser estendido à categoria das empregadas domésticas, grupo com grande atuação da JOC. (MURARO, 1985, p. 131-132.)

<sup>5</sup> Arli Matildes Amorim – Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.)

Diante desse quadro, Arly relatou que procurava realizar encontros com empregadas, mostrando a importância de seu serviço e que as mesmas não deveriam ter medo de seus patrões. Orientando-as a não aceitar esse tipo de tratamento e que se fosse necessário, denunciassem as autoridades.

A JOC se tornou uma escola de vida para os militantes, pois questionava a situação dos trabalhadores através do método Ver, Julgar e Agir, pelo qual passavam a entender o mundo do trabalho da qual conviviam, levando a conscientização política de seus membros. Essa politização da JOC fez com que muitos de seus membros passassem a se preocupar com as questões sindicais, e começaram a realizar um trabalho de conscientização entre os trabalhadores da CSN, com o objetivo de reconquistar o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR)

O alto grau de conscientização política dos militantes da JOC de Volta Redonda, fez com que parte de seus membros fossem perseguidos pelos militares em 1964, após a implantação do Golpe, por considerá-los inimigos do regime<sup>6</sup>. Essa perseguição se deu graças à resistência ao golpe, que ocorreu no dia 1 de abril de 1964, quando o SMVR iniciou uma greve de apoio a João Goulart. Segundo BEDÊ (2010), neste dia ocorreu a prisão de vários sindicalistas, ocorrendo à intervenção no sindicato pelo militares.

Estes acontecimentos enfraqueceram o movimento jocista que ficou desarticulado e sem rumo a tomar, e a articulação do movimento ficou muito difícil, pois não tinham mais como se encontrar e discutir seus problemas.

Esse cenário de perseguição ocorreu em todo o país, A JOC foi surpreendida pelo Golpe, sem apoio da parte conservadora da Igreja, os jocista tinham dificuldades de se defender, pois não tinham voz diante da hierarquia eclesiástica, apesar de existirem eclesiásticos que a defendiam abertamente. (SOARES, et all, 2002, p. 65)

Essa situação começa a mudar, pouco tempo depois quando ocorrem desrespeito aos direitos civis, políticos e sociais e uma forte repressão a todos os que e uma forte

---

<sup>6</sup> Com a implantação do golpe de 64, os militares sentiram a necessidade de um maior controle dos movimentos sociais e terá lugar toda uma estrutura de combate à esquerda e à eliminação dos ditos “inimigos internos”. Ao longo desses mais de 10 anos subsequentes, serão editados atos institucionais e leis repressivas, com o intuito de dar legitimidade ao regime, e serão criados órgãos de informação para vigiar, identificar e eliminar o “inimigo” interno. Em pouco tempo, diferentes setores da sociedade serão enquadrados no conceito de “inimigo” do regime. (ESTEVEZ, 2015, p.207-231)

perseguição a todos que se opunham ao regime, inclusive os membros da Igreja. Isso fez com que essa instituição, que antes apoiara o golpe, passasse a se manifestar contra os militares, entrando num confronto contra o Estado, apoiando os movimentos sociais e reivindicações das classes populares.

De acordo com Estevez (2011), a Igreja de Volta Redonda também acompanhou a conjuntura nacional, e isso se mostrou de fato em 1966, com a chegada de D. Waldyr Calheiro ao comando da Diocese, adotando a partir de então, uma postura contrária às arbitrariedades dos militares na cidade e rompendo com os antigos laços de união com a CSN. Iniciando uma maior proximidade com a população, incentivando-a participarem dos movimentos sociais que ocorreram na cidade. (p.05)

A chegada do novo bispo deu um novo ânimo para a JOC, que volta a se organizar a partir de 1966, D. Waldyr se identificou muito com o grupo, com uma metodologia muito diferente do bispo anterior, facilitou o trabalho da JOC, permitindo encontros na sede do bispado e levando os jocistas em eventos em cidades vizinhas para discutir experiências com outros jovens.

Além da chegada de D. Waldyr, a JOC ganhou outro reforço com a nomeação do Padre Natanael de Moraes como assistente eclesialístico do grupo em 1967. De acordo com a CVVR, o novo clérigo era um assistente muito dedicado, politizado e jovem de idade e de espírito, o que o tornava muito cativante, se identificando muito com o grupo.

Com a sua presença, a filosofia católica da JOC se desenvolveu se de forma mais intensa, o novo assistente iniciou um trabalho próximo à juventude, utilizando do método Ver, Julgar e Agir para resolver os problemas de exploração ou opressão vivenciado pelo coletivo, refletindo sobre esses assuntos em uma perspectiva libertadora, solidária e cristã, tendo como referência situações semelhantes nos Evangelhos. Com isso, ele tinha o objetivo de criar práticas de grupo que interferia, ou assumiria uma postura diferenciada diante da exploração, da opressão e das injustiças sociais.

A nova postura do assistente eclesiástico influenciou a forma de agir dos jocistas, que passaram a se diferenciar dos outros grupos católicos, principalmente porque buscava conscientizar a juventude de seus problemas, favorecendo o florescimento de uma postura crítica diante da realidade que os cercam. Fato que vez com que fossem acusados de subversivos pelos militares.

A partir de 1968, ocorreram alguns acontecimentos que irão influenciar o movimento jocista em todo o país, com a imposição do Ato Institucional - Nº5 (AI-5), alguns grupos de esquerda, impossibilitados de se expressar diante da perseguição militar, vão passar a atuar na clandestinidade, seja de maneira pacífica (trabalho de base) ou guerrilheira (luta armada)<sup>7</sup>, surgindo diversos grupos revolucionários de esquerda<sup>8</sup>.

Em Volta Redonda, alguns desses grupos revolucionários vão encontrar na JOC um campo fértil para suas propostas, um movimento cuja liderança estava sob a orientação de um bispo progressista, além de jovens politizados, conhecedores de um debate sobre a realidade social dos operários, com vontade de realizar um trabalho de conscientização na cidade, permitindo dessa maneira uma ação não clandestina para membros dessas organizações.

Paralelamente a essa aproximação de elementos da esquerda revolucionária, os jocistas de Volta Redonda acompanhavam a movimento da JOC nacional, que após o Congresso Nacional, realizado em 1968, tiveram uma mudança radical de opinião quanto ao capitalismo, abrindo espaço para a aproximação de organizações clandestinas.

Diante desse quadro geral, tanto D. Waldyr, quanto Pe. Natanael permitiram a participação de militantes de esquerda na JOC, que a partir de julho de 1970 começaram a organizar um trabalho de base contra a Ditadura no município. Segundo

---

7 A expressão luta armada contra a ditadura militar é uma denominação consagrada no campo da História. Entretanto, é necessário esclarecer que esse conjunto de ações, embora tenha feito significativo uso de armas, nem sempre constituiu em combate armados entre as esquerdas e os militares como sugere a própria terminologia. (SALES, 2015, P. 9)

8 A partir do ano de 1968, com a implantação do AI-5 e a total impossibilidade de se exercer a cidadania democraticamente com direito à liberdade de opinião e de oposição ao Governo e com a criminalização da política progressista e dos movimentos sociais e sindicais, alguns grupos de esquerda optaram pela ação política na clandestinidade, seja pacífica (trabalho de base) ou guerrilheira (luta armada). Os grupos que preferiram o caminho da luta armada criaram diversas Organizações Revolucionárias que buscava combater o monopólio do Poder pelo Alto Comando das Forças Armadas num regime cada vez mais tirânico. A impossibilidade de qualquer manifestação ideológica permitiu o envolvimento de parte da vanguarda do movimento estudantil silenciados pelo AI-5 e intelectuais de esquerda em diversas organizações de guerrilha urbana e rural. Na luta armada encontravam-se, oriundas dos rachas do PCB: PCdoB, PCBR, ALN, PCR, MR8 e ALA VERMELHA; oriundas dos rachas da POLOP: POC, VPR, VAR, OCML-POLOP e COLINA; oriundas dos rachas da AP: PRT e APM. (BRASIL NUNCA MAIS: UM RELATO PARA A HISTÓRIA. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 89-116)

a CVVR, os grupos envolvidos eram o Partido Operário Comunista (POC), Política Operária (POLOP), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR) e União da Juventude Patriótica (UJP) ligada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

A principal ação tomada pelo grupo foi à formação de um grupo de trabalho, denominado de FRENTE OPERÁRIA, cujo objetivo era discutir ideias e propor ações de contestação ao regime. Segundo Estrella Dalva Bohadana, militante da POLOP, a aproximação com a JOC se deu graças a um desejo de realizar um trabalho de esclarecimento e de conscientização na vida dos operários da CSN, dos ferroviários de Barra do Piraí. E ao entrar em contato com e a JOC, ela se sentiu acolhida, pois tinham o apoio de D. Waldyr e do Pe. Natanael. Estrella acreditava na necessidade de conscientização e mobilização junto a operários e camponeses, pois segundo sua opinião a revolução não seria realizada apenas por estudantes<sup>9</sup>.

O grupo tinha a preocupação em fazer um trabalho de conscientização junto às massas operárias. Para conseguir tal objetivo e conseguir ganhar o apoio da população, a principal atividade do grupo foi à produção e distribuição de panfletos com críticas e denúncias ao regime militar. Atividade que segundo Estrella Bohadana seria pedagógica, pois mostraria a verdadeira situação do país ao povo, conforme podemos ver em suas palavras:

“Nosso trabalho aqui era de panfletagem, de divulgação, e um trabalho mais sólido que eu diria pedagógico, no sentido de mostrar qual era a situação e o que significa um país com o golpe militar como o nosso, o que tinha sido a própria história desse país, que não tem uma tradição, ou que está longe de ter uma tradição democrática, então, nosso trabalho inicial e a estratégia era de como trazer os operários pra poder discutir um programa socialista para o Brasil”... (Estrella Bohadana em depoimento a CVVR, p. 275).

A realização dessa atividade deveria ser feita clandestinamente, pois a distribuição de panfletos com críticas ao governo era considerado um crime contra a Lei

---

<sup>9</sup> Estrella Dalva Bohadana em depoimento a CVVR.

de Segurança Nacional (LSN)<sup>10</sup>. Por isso eram realizadas às escondidas, distribuindo de madrugada em sacolas de pães em bairros de periferia, nas entradas da Companhia Siderúrgica Nacional e também no comércio local, em horários com grande circulação de pessoas.

É importante lembrar que o objetivo desses grupos no município não era uma ação foquista (luta armada), mas sim uma no campo da luta sindical, a construção de um partido socialista forte, o que ao encontro das ideias do padre Natanael.

Em novembro de 1970, durante a distribuição de panfletos na entrada do cemitério da cidade, o exército iniciou uma grande perseguição ao movimento, realizando a prisão de 15 jogistas e de 15 membros de organizações revolucionárias, ou de pessoas próximos a eles. Acontecimento que desarticulou a JOC em Volta Redonda. (CVVR, 2015, p. 282)

A partir desse momento, os militantes da Frente Operária passaram por momentos traumáticos, sofreram torturas físicas e psicológicas. As torturas não poupavam ninguém, mulheres e homens tinham o mesmo tratamento, o sistema repressivo não os diferenciava, o que variava era a forma de tortura, no caso das mulheres, muitos oficiais do exército as fizeram de objetos especiais de suas taras, eram torturadas através de violação, mutilação, humilhação, insultos e ameaças sexuais, sempre com o objetivo de humilhá-las. A militante Arly Matilde relata seu tratamento no quartel de Barra Mansa, onde ficou presa por 57 dias, sendo torturada pelos militares, que queriam que a militante confessasse que era amante de D. Waldyr Calheiros:

“...No dia 6 à noite me levaram pruma sala com dois quartos... Você vai assinar aqui ó. Vai assinar. Eu falei: Não, eu não vou assinar. Vai assinar aqui ó que você é amante do Dom Waldir. Aí falou assim: Então você não vai? apanhou lá os aparelhos de choque, tirou a roupa, colocou choque no corpo todinho. a ponta nos dedos, nas pernas, nas virilhas e até na língua. Aí deu choque, choque, choque, choque, choque... Eu tava sem roupa, toda.

---

<sup>10</sup> A Lei de Segurança Nacional (LSN) foi promulgada em 13 de março de 1967, Decreto-lei nº 314, Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências. No seu artigo 14, estabelece que divulgar, por qualquer meio de publicidade, notícias falsas, tendenciosas ou deturpadas, de modo a pôr em perigo o bom nome, a autoridade o crédito ou o prestígio do Brasil: pena - detenção, de 6 meses a 2 anos. Decreto-Lei nº 314, de 13 de Março de 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 09 de maio de 2019.

Eram quatro pessoas torturando, Tenente Tenório, Sargento Pires, Tenente Cezar e Sargento Izaque. E palavrões, humilhações e tudo... <sup>11</sup>

O principal objetivo das torturas era obter informações sobre os integrantes do grupo, ou confissões que o torturado ou algum outro elemento do grupo fosse comunista, e principalmente que denunciasses o Bispo D. Waldyr como um comunista, difamando a imagem do bispo, como relata um militante:

Eles falaram, queriam difamar o Padre Natanael, queria difamar o bispo, o objetivo era incriminar o Padre Natanael e o D. Waldyr. Então, eu contradizia as afirmações deles, as possíveis afirmações e ai eles rodavam a manivela, davam aqueles choques. Tinha que responder o que eles queriam, mas, como eles já estava sabendo. (Marco Antônio da Rosa em depoimento a CVVR, 2015, p. 294)

Outro ponto que merece destaque sobre a experiência dos militantes da Frente Operária que foram detidos em novembro de 1970, foi à perseguição aos líderes do movimento. Esses integrantes ficaram mais tempo preso, dos 30 detidos pelo Exército, no mês de fevereiro de 1971 só restavam 8 detidos. Esses militantes ficaram presos por mais tempo por dois motivos, o primeiro é porque queriam que eles confessassem que D. Waldyr era o líder do grupo, ou que eram comunistas; já o segundo, por causa do perigo que representavam, alguns eram estudantes e para os militares tinham um nível intelectual muito elevado, por isso eram perigosos, outros exerciam uma liderança no grupo.

No mês de fevereiro de 1970, esses militantes foram transferidos para o Presídio da Ilha Grande como presos políticos, onde ficaram por seis meses aguardando o Julgamento do IPM 65/70<sup>12</sup>. Entretanto Estrella Dalva foi transferida para o DOI-CODI na cidade do Rio de Janeiro e mais tarde para o Instituto Penal Talavera Bruce em Bangu.

Durante o período, Estrella relata a sua estadia no DOI-CODI do Rio de Janeiro também foi complicada, pois as torturas eram mais técnicas e não ficavam

---

<sup>11</sup> Arly Matildes - Relatório pessoal do tratamento que dispensaram a Arly Matildes quando detida no 1º BIB de Barra Mansa. Amorim, 15 de janeiro de 1971. Arquivo da Cúria Diocesana de Volta Redonda – Pasta 3.

<sup>12</sup> Pelo ofício 34/IPM, o Tenente Coronel Gladstone Pernassetti justifica porque os oito militantes foram mantidos em prisão preventiva, relatando cada caso individualmente. (BNM, p. 389)

marcas, que foi torturada com queimaduras de cigarro, choques elétricos, pau de arara e sessões de geladeira. Estrella que estava no início de gravidez, não aguentou a intensidade das torturas e teve um aborto. Já os outros que foram transferidos para o Presídio da Ilha Grande, relatam que não mais sofreram torturas, ficando como presos políticos. (CVVR, 2015, p, 310)

O assistente eclesiástico do grupo, o Padre Natanael foi o que mais sofreu durante o cárcere, foi um dos primeiros a ser preso e o último a sair do cativo, passou por vários tipos de torturas físicas e psicológicas.

Pelo fato de ser religioso, passou por diversos rituais macabros de tortura, como por exemplo, a tortura com vela; em certo momento o obrigaram a olhar para uma militante nua, e se caso não olhasse, levava choque. Num certo dia, ele e outros elementos do grupo foram obrigados a participar da PROCISSÃO, uma forma de tortura em que os torturados eram obrigados a andarem nus, amarrados em um fio desencapado, à noite em um terreno próximo ao 1º BIB. E durante o trajeto recebiam choques elétricos e eram obrigados a cantar a música” “JESUS CRISTO, EU ESTOU AQUI”.

... eu cheguei sendo brindada com essa procissão... nua... éh::... com essa vela... com choque no ânus na vagina no seio... e tinha que cantar... a música “Jesus Cristo eu estou aqui”... quem não cantasse mais choque... éh:: e isso era uma procissão ao ar livre quer dizer em volta de:(parecia) um lago, né um frio, um frio que era terrível... o dia amanhecia e eu ouvia quando tinha o toque do alvorecer eu ouvia o chefe lá... da guarda... dizer pros soldados que ali tinha uma comunista que na outra cela tinham homens comunistas que todos comiam crianças... éh:: que eles tinham que se afastar do comunismo então aqueles soldados todos de alguma forma eles viam e participavam e assistiam e alguns... éh:: por exemplo tinham uns que faziam... todo mundo disputava pra querer levar minha comida pra ver como é que era uma mulher comunista que comia criança... éh:: então isso mostra também o como eles tentavam fazer uma lavagem cerebral tinha um lado dede uma:: coisa ideológica também né... quer dizer nós éramos exemplo do que havia de pior. (Estrella Dalva Bohadana em depoimento a CVVR, p.311)

Segundo a CVVR, havia duas razões para essa perseguição ao pároco: a primeira porque ele era o líder do grupo e tinha pleno conhecimento de seus integrantes. No entanto, eles queriam que o padre acusasse sob intensa tortura, que D. Waldyr era o mentor da Frente Operária; e outro motivo pode ser resumido no depoimento da Irmã Elizabeth a Comissão da Verdade de Volta Redonda: “o Exército fez com o Padre

Natanael tudo aquilo que queria fazer com Dom Waldyr e não podia”. (CVVR, 2015, p.314)

Em junho de 1971, após uma cansativa luta judicial, os militantes da JOC foram postos em liberdade, depois de 8 meses e 18 dias de prisão, e em setembro de 1972 o IPM 65/70 foi definitivamente arquivado por falta de provas.

## **CONCLUSÃO**

A Juventude Operária Católica foi uma instituição surgida na Bélgica e tinha o objetivo de resgatar a juventude trabalhadora para Igreja Católica, jovens que estavam descontentes com as práticas pastorais e consideraram a instituição uma aliada das classes dominantes.

No Brasil, o movimento impulsionou transformações entre os jovens trabalhadores, buscando um mundo melhor, foi um elemento de união entre leigos e sacerdotes, uma experiência de fé dentro da Igreja e do mundo de trabalho. Um movimento que apesar de não ter conseguido resolver o problema da classe trabalhadora, mostrou um caminho a ser seguido e influenciou outros movimentos sociais durante a década de 70 e 80.

Em Volta Redonda, o grupo teve uma atuação importante, se envolvendo em questões sociais e sindicais no município, atuando principalmente entre os operários da CSN e as empregadas domésticas. Os jocistas buscaram melhorias nas condições de vida dos trabalhadores e conscientizar esses grupos sobre sua importância de seu trabalho, seus direitos, buscando solucionar seus problemas através do método Ver-Julgar e Agir.

A partir do ano de 1969, os jocistas chamaram a atenção de algumas organizações de esquerda clandestinas, que encontraram na JOC um canal de interlocução e ação conjunta contra a Ditadura Civil-Militar, além de um terreno fértil para o desenvolvimento de suas ideias. Sendo o que mais atraiu a atenção desses grupos clandestinos foi o forte envolvimento da JOC com as questões sociais e a atuação de

padres progressistas dispostos a realizarem um trabalho de conscientização na população.

Como vimos, o relacionamento entre a JOC e as organizações clandestinas de esquerdas levaram a criação de um grupo denominado “Frente Operária” cujo objetivo era fazer um trabalho de conscientização junto às massas operárias. Tendo como atividade principal a produção e distribuição de panfletos com críticas e denúncias ao regime militar. Apesar da passividade das ações do grupo, o movimento foi duramente reprimido e seus principais militantes passaram por momentos traumáticos dentro do 1º BIB de Barra Mansa.

Através da memória e experiências dos militantes da “Frente Operária” vemos que durante o período que estiveram no cárcere, sofreram diversos tipos de torturas físicas e psicológicas, como choques elétricos, pau-de-arara, afogamento, geladeira, submarino e etc.

O objetivo de tais procedimentos era obter informações e confissões dos militantes, e em alguns casos, era apenas para satisfação dos torturadores e para quebrar moralmente as convicções mais profundas daqueles prisioneiros. Os torturadores tratavam de forma igual homens e mulheres, sendo que as mulheres sofriam também com a violência sexual imposta pelos agentes de tortura.

Os principais líderes do movimento foram os que mais sofreram, pois além das torturas, ficaram detidos por nove (9) meses, simplesmente porque alguns eram estudantes, e os militares os achavam que eram perigosos pelo alto nível intelectual, outros apresentavam uma forte liderança na JOC e o Padre Natanael, por ser considerado como o elemento principal de subversão entre o grupo.

Em suma podemos considerar que durante sua trajetória em Volta Redonda, a Juventude Operária Católica buscou ser um elo entre a Igreja Católica e os trabalhadores da região, atuou sempre na luta dos direitos dos trabalhadores da cidade, principalmente entre os operários da CSN e entre as empregadas domésticas. Sua relação com as organizações clandestinas de esquerda, não tinha o objetivo de criar um

grupo de ação armada na região, mas sim conscientizar a população sobre a realidade social que viviam e denúncias às atrocidades do Regime Civil-Militar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIDIOCESE de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli: *Formação da Classe Operária em Volta Redonda*. Volta Redonda: Editora VR, 2010.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base?*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros – Volta Redonda (CVVR). Relatório Final. Volta Redonda, RJ, 2015.

COSTA, Célia Maria Leite et all (orgs.). *O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom. Waldyr Calheiros*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ESTEVEZ, Alejandra. *A Igreja e os trabalhadores católicos: um estudo sobre a Juventude Operária Católica e a Ação Católica Operária (1940-1980)*. 2008. 159 p. Dissertação de mestrado – UFRJ. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Relações Igreja-Estado em uma cidade operária durante a Ditadura Militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p.207-231, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/revista\\_anistia\\_n10\\_web.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/revista_anistia_n10_web.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. *Igreja Católica em Volta Redonda: Configurações e Enquadramentos*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300657689\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH2011ESTEVEZ.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300657689_ARQUIVO_ArtigoANPUH2011ESTEVEZ.pdf)>. Acesso em 15 de set. 2018.

GRACIOLLI, Edílson José. *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1997.

JESUS, Paulo Sérgio de. A cidade de Osasco: JOC (Juventude Operária Católica), ACO (Ação Católica Operária), JUC (Juventude Universitária Católica) no movimento operário (1960-1970). *Projeto História (online)*, São Paulo, nº 33, p. 365-373, 2006. Disponível em: <

[http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/pesquisa\\_08.pdf](http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/pesquisa_08.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2018.

SALES, Jean Rodrigues (org). *Guerrilha e revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina – FAPERJ, 2015.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. A Juventude Operária Católica. Fênix – *Revista de História e Estudos Culturais*, 6º Ano VI. Nº 2. Abril/ Maio/ Junho de 2009. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2014v6n11p5/28614>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente 1964-1992*. São Paulo: Ática, 2006.

MORAES, Segundo Maria Blassioli. *A Ação Social Católica e a Luta Operária: a experiência dos jovens operários católicos em Santo André. (1954-1964)*. 2008. 207 p. Dissertação de mestrado – USP, 2003.

MURARO, Valmir F. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, O. A et alli. *Uma História de Desafios. JOC no Brasil – 1935/1985*. Rio de Janeiro: s/ ed., 2002.